

EDITORIAL

Entre as efemérides que nos traz o mês de novembro, é particularmente grata ao Exército aquela em que se comemora o aniversário da proclamação de República em nosso país, de tal forma as duas instituições se uniram, na história brasileira. Saído do período tormentoso da luta do Paraguai, o Exército encontrou a monarquia em seu ramo descendente, já abalada pelos resultados de uma centralização extremada e pelo processo tumultuoso da abolição, cujos lances sucessivos lhe iam alienando alguns dos suportes políticos mais consideráveis.

A Questão Militar foi, apenas, transparência daquilo que lavrava no interior dos espíritos; um sinal do tempo, um sintoma das alterações que se operavam e que deflagrariam no 15 de novembro. Tendo recusado servir aos que pretendiam transformá-lo em milícia, na perseguição aos escravos foragidos, e tendo defendido, com sobranceira, os seus direitos e suas prerrogativas, na palavra de Sena Madureira e na comunicação de Deodoro ao Governo, quando comandante da guarnição do Rio Grande do Sul, o Exército não assistiria impassível ao desenrolar dos acontecimentos políticos

que abalariam o trono, ainda que não confundisse a personalidade singular do imperador com as próprias instituições, já insuficientes, em sua estrutura, para proporcionar ao país as normas de existência de que êle necessitava.

A história do advento da República marca-se, assim, sucessivamente, por ações de figuras militares de relevo no tempo. E elas não desempenhavam um papel de evidência nesses acontecimentos, que abalariam o último trôno americano, por uma coincidência fortuita, nem pela atração dos problemas políticos, mas porque estavam intimamente ligadas ao processo em curso e não podiam fugir às graves responsabilidades que lhes cabiam, em assegurar ao país uma transformação pacífica de instituições e uma reestruturação consentânea com os anseios de seu povo. Não foi, pois, por simples singularidade do destino que a Escola Militar da Praia Vermelha se transformou em um núcleo republicano de primeira ordem, nem o aparecimento de Deodoro, de Benjamin Constant, de Floriano, nos eventos da proclamação e nos seus antecedentes seria apenas o chamamento circunstancial das forças políticas àqueles que, detendo a força das armas, poderiam, com ela, decidir a sorte do país. Na verdade, a República não foi uma subversão improvisada. Ela derivou de processo em que o Exército, como instituição, esteve intimamente envolvido. Não foi imposta ao país desprevenido, mas alimentada por problemas insolu-

cionados e desejada por quantos podiam julgar a falência monárquica em face desses problemas, e esperada por todos quantos aguardavam a transformação institucional que libertasse o país de peias e sistemas tornados obsoletos pela transformação acelerada e crescente dos homens e das coisas.

Proclamada com Deodoro, que indicou, na renúncia em momento de crise, quando agitado o Brasil, toda a grandeza do seu espirito de soldado, depois de doutrinada com Benjamin Constant, que lhe emprestou a singularidade do seu espirito firme e digno, e consolidada com Floriano, que lhe emprestou todas as virtudes mestras do seu caracter de exceção, a República encontrou no Exército, em todos os transes, da fase doutrinária aos dias correntes, nas suas origens, no seu processo, na sua agitada evolução, uma salvaguarda, um pilar seguro e infalível. Daí a comunhão existente entre ambas as instituições, e daí a grata lembrança da efeméride, para os soldados do Brasil, herdeiros das tradições forjadas com o espirito exato e digno de Deodoro, com a inteligência liberta e agil de Benjamin e com a firmeza poderosa de Floriano. Nesses grandes vultos do passado, todos envolvidos nos acontecimentos mais evidentes e graves da vida republicana, no Brasil, vislumbramos o exemplo a seguir, nos dias de agora, e nos dias futuros, sempre na orientação de servir ao país, como é nosso dever, e ele bem o merece.